

Como o turismo pode ajudar a ciência

Cientistas e empresas turísticas colaboram para estudar a distribuição geográfica de cetáceos nos Açores.

Por **Redação** - 16 Maio, 2018



Publicidade



Um estudo agora publicado na revista *Marine Ecology Progress Series*, avaliou a precisão de diferentes modelos de distribuição geográfica de golfinhos, baleias e outros cetáceos dos Açores. O estudo só foi possível graças à colaboração com empresas turísticas de observação destes animais no arquipélago, que durante sete anos recolheram informações sobre os avistamentos nas suas viagens e as submeteram na plataforma MONICET.

Os cetáceos têm um papel fundamental nos ecossistemas marinhos. Conhecer a sua distribuição geográfica e como esta varia com o tempo é muito importante para identificar áreas de preocupação para populações vulneráveis e desenvolver planos de conservação mais eficazes. No entanto, ainda sabemos pouco sobre a distribuição destes animais: não só são muito móveis, respondendo a alterações ambientais no oceano, como as campanhas dedicadas ao



Agendados

Resultado

Hoje, 15:00 pm

 Sporting SAD
 Rio Ave

Hoje, 15:00 pm

 Belenenses
 Viseu 2001

Hoje, 15:00 pm

 Unidos Pinheirense
 AD Fundão

Os investigadores têm obtido estimativas de distribuição a partir de modelos computacionais que extrapolam o nicho ecológico de uma espécie a partir dos dados de localização existentes e das variáveis do ambiente. Mas no caso de espécies tão móveis como os cetáceos, que vivem num ambiente tão dinâmico como o oceano, com que intervalo de tempo – dias, semanas, meses – devem as variáveis ambientais ser introduzidas no modelo de forma a que os resultados sejam o mais precisos possível?







“A questão em si depende muito da espécie a estudar. Por exemplo: para espécies altamente dinâmicas como a baleia de barbas é muito melhor usar dados semanais. Mas para isso precisamos de uma recolha de dados constante, um grande esforço de amostragem, que neste caso foi obtido graças à colaboração das empresas turísticas de observação de cetáceos”, explica Marc Fernandez Morron, primeiro autor do artigo e investigador do [Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais – cE3c](#) e da Universidade dos Açores.

Este estudo só foi possível porque os investigadores puderam recorrer a dados detalhados das dez espécies de cetáceos mais avistadas no arquipélago dos Açores, entre janeiro de 2009 e dezembro de 2015. Nas suas viagens turísticas – que embora tenham um pico de afluência durante o Verão, ocorrem durante todo o ano – os operadores de observação de cetáceos anotam as espécies que observam, contam animais e registam a sua posição. Estes dados são submetidos na [plataforma MONICET](#) – uma base de dados online inaugurada em 2008 e que conta com o apoio do Governo dos Açores – acompanhados de fotografias para identificação das espécies. Todos os dados são validados por especialistas antes de serem disponibilizados online.

“Na atualidade o MONICET encontra-se numa fase adulta, com dez anos de funcionamento e oito empresas a colaborar. Estamos a trabalhar para que tenha uma maior autonomia, com candidaturas a novos projetos para melhorar e expandir a plataforma para outras áreas. Ao mesmo tempo estamos a trabalhar para demonstrar outras potenciais utilidades dos dados recolhidos pelos nossos colaboradores que possam ser úteis não só para as próprias empresas como também para a gestão e conservação dos cetáceos”, frisa Marc Fernandez Morron.

Gabinete de Comunicação do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais – cE3c
Ciência na Imprensa Regional – Ciência Viva

Publicidade

Hoje, 15:00 pm  Sporting SAD  Rio Ave	Hoje, 15:00 pm  Belenenses  Viseu 2001	Hoje, 15:00 pm  Unidos Pinheir  AD Fundão
---	--	---